

**UMA RECEPÇÃO DE SIMONE DE BEAUVOIR NA
ITÁLIA - A TRADUÇÃO E OS AGENCIAMENTOS EM
*IDEALISMO MORALE E REALISMO POLÍTICO***

**Una recezione di Simone de Beauvoir in
Italia - La traduzione e l'agentivismo in
*Idealismo Morale e Realismo Politico***

**A Reception by Simone de Beauvoir in Italy
- The Translation and the Assemblages in
*Idealismo Morale e Realismo Politico***

ÉGIDE GUARESCHI *
TATIARA PINTO **

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar a tradução do texto *Idealismo Morale e realismo politico* de Simone de Beauvoir na revista italiana *Il Politecnico*, sob uma perspectiva dos estudos culturais e da crítica feminista. Para isso, ver-se-á um breve panorama e algumas diferenças institucionais entre Brasil e EUA, no que tange aos avanços feministas no âmbito da tradução, pois quando se trata do entrelaçamento entre gênero e tradução alguns fatores são imprescindíveis, estes serão abordados de acordo com o texto *Frontera Spaces Translating as/like a Woman* de Pilar Godayol. O texto de Beauvoir mostrará como o moralismo idealista imobiliza a urgente transformação social e, principalmente, como a reelaboração constante da moral pode auxiliar no combate à bipolarização da ação política. O contexto político da *Il Politecnico*, do texto da autora e as

*Docente do Departamento de Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná
egideguareschi@gmail.com (ORCID: 0000-0003-1523-6166)

**Doutoranda em Literatura - Universidade Federal de Santa Catarina
tatiarapinto@yahoo.com.br (ORCID: 0000-0003-0683-3305)



escolhas do tradutor italiano serão abordados para traçar alguns agenciamentos da recepção da autora na Itália, como parte do processo de redemocratização italiana que buscava incorporar em seu tecido cultural novas filosofias que dessem conta das contradições históricas, a fim de combater o apelo moral fascista.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução; Agenciamento; Simone de Beauvoir; Itália.

ABSTRACT: Questo lavoro si propone di analizzare la traduzione del testo *Idealismo morale e realismo politico* di Simone de Beauvoir sulla rivista italiana *Il Politecnico*, in una prospettiva degli studi culturali e della critica femminista. Per questo si vedrà una breve panoramica ed alcune differenze istituzionali tra Brasile e Stati Uniti, per quanto riguarda nel campo della traduzione gli sviluppi femministi, poichè quando si tratta dell'intreccio tra genere e traduzione alcuni fattori sono essenziali, dunque verranno affrontati di conseguenza col testo *Frontera Spaces: Translating as/like a Woman* di Pilar Godayol. Il testo di Beauvoir mostrerà come il moralismo idealistico immobilizzi l'urgente trasformazione sociale e soprattutto come la costante rielaborazione della morale possa combattere la bipolarizzazione dell'azione politica. Si affronterà il contesto politico di *Il Politecnico*, del testo dell'autrice e le scelte del traduttore per tracciare alcune modalità di agentivismo di ricezione dell'autrice in Italia, nell'ambito del processo di ridemocratizzazione italiana che voleva incorporare nuove filosofie nel suo schema culturale che rendessero conto delle contraddizioni storiche per combattere l'appello morale fascista.

PAROLE CHIAVE: Traduzione; Agentivismo; Simone de Beauvoir; Italia.

ABSTRACT: This work aims to analyze the translation of the text *Idealismo Moral e realismo politico* by Simone de Beauvoir in the Italian magazine *Il Politecnico*, from a perspective of cultural studies and feminist criticism. For this, we will see a brief overview and some institutional differences between Brazil and the USA regarding feminist advances in the field of translation, because when it comes to the intertwining between gender and translation, some factors are essential, these will be addressed accordingly with the text *Frontera Spaces: Translating as/like a Woman* by Pilar Godayol. Beauvoir's text will show us how idealistic moralism immobilizes the urgent social transformation and especially how the constant re-elaboration of morals can help to combat the bipolarization of political action. The political context of *Il Politecnico*, of the author's text and the choices of the Italian translator will be approached to trace some arrangements of the author's reception in Italy, as part of the Italian redemocratization process

that sought to incorporate new philosophies into its cultural fabric that would give account of historical contradictions in order to combat the fascist moral appeal.

KEYWORDS: Translation; Agency; Simone de Beauvoir; Italy.

1. Introdução

The task of the feminist translator is to consider language as a clue to the workings of gendered agency.¹

Gayatri Spivak

Na esteira dos avanços progressistas da América Latina, o movimento feminista no Brasil foi responsável por mudanças significativas na área do trabalho, da educação, da política, da estrutura familiar, das artes e das mídias. É inegável o crescimento das várias formas de associativismos, redes de apoio multi-identitárias, frentes, fóruns, seminários nacionais e internacionais, que atuam impulsionando a politização do *establishment* profissional, político e acadêmico na urgência de reconquistar a ampla cidadania das mulheres².

A explosão feminista brasileira mais recente teve início em 2015, segundo o trabalho coletivo liderado por Heloisa Buarque de Holanda, *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*, de 2018. Ainda que a orientação do movimento feminista brasileiro não tenha sido radical como a estadunidense, que teve origem nos protestos universitários da década de sessenta, e por aqui se encontra mais articulada entre uma parcela específica da esquerda brasileira, há que se considerar toda uma tradição que teve início já na década de 1970³. Nessa esteira, as autoras

1 “A tarefa da tradutora feminista é considerar a linguagem como uma pista para o funcionamento da agência de gênero” In: SPIVAK, Gayatri. *The Politics of Translation*. In: *Outside in the teaching machine*. New York: Routledge, 1993. p. 179 (Tradução nossa. Todas as traduções indicadas neste artigo como nossa foram realizadas com o propósito deste estudo).

2 Para pensar o feminismo Latino-Americano ver: BLAY, Eva; AVELAR, Lúcia. (Org.) *50 anos de feminismo: Argentina, Brasil e Chile: A construção das mulheres como Atores Políticos e Democráticos*. São Paulo: EDUSP, Fapesp, 2017.

3 Segundo Maria Luiza Heilborn e Bila Sorj: “Zahidé Machado Neto leciona, na Universidade Federal da Bahia, a disciplina sobre família e relações entre sexos em 1973; várias pesquisadoras brasileiras participam da “Conferência sobre Perspectivas Femininas nas Ciências Sociais Latino-Americanas” realizada em Buenos Aires em 1974. Algumas pesquisadoras já haviam publicado trabalhos tratando da questão das mulheres: Heleieth Saffioti, Carmen Barroso, Neuma Aguiar e Eva Blay”, para mais informações ver o texto “Estudos de gênero no Brasil 1975-1995” In:

Rodrigues, Borges e Ramos (2017) fazem questão de destacar que, neste avanço, as mulheres acadêmicas têm “uma posição privilegiada para receber, elaborar e disseminar as questões do feminismo” (p. 77) e, por isso, é importante que desse lugar se possa dar voz aos movimentos de apoio mútuo entre mulheres também fora da academia. São escritoras formais e informais, com destaque para o “Slam” e a “Batalha das Minas”, que tomou as praças de inúmeras cidades do país, assim como o “Movimento Nacional Leia Mulheres”; os saraus, como o “Sarau das Pretas” organizado por Carmen Faustino e Elizandra Souza do Coletivo Mjiba, em São Paulo, e o “Sarau Vozes Negras”, em Florianópolis, organizado pela poeta Nana Martins, por Jess Oliveira, tradutora de Grada Kilomba no Brasil, e a professora trans Feibris, que hoje leciona na UFBA. Para além da literatura, há um levante de artistas independentes, esportistas, fotógrafas, cineastas, trabalhadoras autônomas que dão práxis ao movimento feminista brasileiro: sem elas de pouco serve a teoria.

No âmbito acadêmico, fortaleceu-se a discussão nos campos de construção e revisão dos currículos, os estudos de gênero estão ganhando espaço, assim como linhas de pesquisas nos departamentos universitários, em diversas disciplinas da sociologia, da antropologia, da história, da literatura, entre outras. Para isso, muito trabalho intelectual foi produzido e traduzido para oferecer os subsídios necessários para compreender as especificidades do feminismo, seus avanços, suas fronteiras, criando um espaço fértil para novos questionamentos em todas as áreas.

Outra diferença institucional entre Brasil e EUA é que as acadêmicas feministas daqui, apesar dos vários núcleos e centros de pesquisas, ainda não enfrentaram as organizações científicas a ponto de construir organizações alternativas, se o fizessem seria, talvez, o que Dunker (2011) chama de “um golpe no processo em curso de declínio da imago paterna” (p. 210), nos termos lacanianos. Pois, ainda procuram se integrar à dinâmica dominante da comunidade científica nacional, buscando reconhecimento do valor científico das pesquisas que desenvolvem. Apesar disso, ocorreram muitos avanços no campo da tradução com ênfase nas influências políticas e ideológicas, como a questão do gênero; um exemplo é a *School of Translation and Interpretation*, da Universidade de Ottawa, no Canadá, dirigida por Luise Von Flotow. Tal discussão avançou nas últimas décadas. Nesse ínterim, Pilar Godayol (2015), em *Frontera Spaces*, indica alguns pontos sensíveis de uma possível teoria feminista da tradução:

No entanto, apesar de compartilharem uma política comum de identidade, os diferentes feminismos, entre eles os do campo da tradução, interpretação e expressão da subjetividade feminina, também conhecida como identificação feminina (FUSS, 1995), de diferentes maneiras. Da mesma forma, eles também diferem em suas definições de suas categorias uni-

RODRIGUES, Carla; BORGES, Luciana; RAMOS, Tânia. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2016, p. 77.

versais, como ‘Mulheres’, ‘identidade’, ‘gênero’, ‘sexo’, ‘experiência’ e ‘história’. Como resultado, alguns tradutores, como Lori Chamberlain (1988) e Amy Kaminsky (1993), sugerem que esses são pontos de partida instáveis para o desenvolvimento de uma teoria ou de uma prática de tradução. Por este motivo, elas lançam dúvidas sobre a possibilidade de construir uma teoria feminista da tradução dada a contingência e mobilidade de suas categorias universais. (p. 11, tradução nossa)⁴

Ela alerta para o perigo de se determinar diretrizes rígidas para uma prática tradutória que se intitula feminista. A autora, neste mesmo texto, propõe investigar o próprio conceito de “feminine subject translator”, diz que traduzir como uma mulher é aceitar a contingência que não pode ser eliminada do entrelaçamento entre tradução e gênero e isso implica em propor uma representação instável, para evitar as formulações moralistas, universalizadoras, pré-concebidas e restritivas. As traduções que problematizam identidades, para ela, devem ser concebidas em um espaço de fronteira, autocrítico no qual as representações do feminino estejam em constante recriação, assim como a ideia de moral, que será vista mais adiante, no texto de Simone de Beauvoir.

Sendo assim, a tarefa de rever sob uma perspectiva de gênero os manuais científicos, as traduções, os compêndios de cultura, a literatura *per se*, e tudo mais que tenha valor formativo da razão, é imprescindível para avançar em direção ao fim das desigualdades de gênero. Neste trabalho, isso será realizado, dando visibilidade às décadas de trabalho das intelectuais que têm se dedicado à pesquisa da tradução juntamente com os sistemas políticos e de poder que envolvem, entre outras coisas, as questões de gênero. Neste caso, o estudo se valerá de considerações e ferramentas de análise criadas por estas pesquisas. Este artigo foi escrito graças a esses movimentos de mulheres internacionais e brasileiras, que atravessam e afetam, de alguma maneira, todas as mulheres.

4 “[...] However, despite sharing a common politics of identity, the different feminisms, among them those in the field of translation, interpret and express feminine subjectivity, also known as feminine identification (FUSS, 1995), in different ways. Similarly, they also differ in their definitions of their universal categories, such as ‘women’, ‘identity’, ‘gender’, ‘sex’, ‘experience’ and ‘history’. As a result, some translators, like Lori Chamberlain (1988) and Amy Kaminsky (1993), suggest that these are unstable starting points for developing either a theory or a practice of translation. For this reason, they cast doubt on the possibility of building a feminist theory of translation given the contingency and mobility of its universal categories.”

2. Beauvoir na Revista *Il Politecnico*

Tutti gli uomini sono mortali, o primeiro romance de Simone de Beauvoir traduzido na Itália por Giancarlo Vigorelli, com introdução de Francesca Sanvitale, foi uma iniciativa da Editora Mondadori, em 1949[1946]. Portanto, na ocasião da publicação da autora, na revista *Il Politecnico*, os leitores italianos ainda não contavam com nenhuma outra tradução oficial do livro da escritora. Fato que poderia explicar a necessidade da introdução/contextualização de Franco Fortini antes do texto de Beauvoir, na qual o escritor italiano articula uma aproximação entre o drama *Les bouches inutiles* e o texto *Idealismo morale e realismo politico*, demonstrando conhecimento das obras ainda inéditas em italiano. Com a finalidade de contextualizar a publicação na revista *Il Politecnico*, Fortini tece a seguinte introdução:

O texto que aqui publicamos, para documentar a posição para nós mais interessante da tendência de pensamento que hoje aparece sob o nome de existencialismo francês, é de Simone de Beauvoir, jovem autora de ensaios filosóficos, de romances (“**Le sang des autres**”) e de obras teatrais. O seu drama (“**Les bouches inutiles**”) se debruça sobre o caso de uma cidade sitiada (o episódio aconteceu durante a Revolução Francesa e é contado por Michelet) da qual deveriam ser expulsos idosos, mulheres e crianças para prolongar a resistência. Mas prevalece o conselho de que, na luta, como na vida da humanidade, nenhuma boca é inútil. Todos os cidadãos tentaram juntos uma ofensiva, da qual vencer ou perecer juntos. É este, portanto, em termos filosóficos, também o argumento do ensaio, que reexaminando o contraste secular entre idealismo moral e realismo político, conclui alta identificação da moral com o ato significativo, a impossibilidade de todo abstrato **idealismo** como de cada abstrato **realismo**. Somente na aceitação da trágica necessidade de contradizer o infinito valor do homem, a Beauvoir vê a Vitória justamente nessas necessidades. Rejeitado pelos existencialistas modernos, **o salto qualitativo** que ao gênio religioso de Kierkegaard fazia ver salvo tanto na fé, quanto aqui, na história, foi “irremediavelmente perdido”, a tensão deles se coloca assim à margem do absurdo. Mas nestes neossurrealistas franceses há a vontade de sair daquela tentação afirmando nos “outros”, no próximo, na sociedade, não somente a possibilidade do inferno, mas também aquela da liberdade: e daí a solicitação estoica do “empenho”. Concretamente este discurso de Beauvoir adere a uma experiência que muitos da França e daqui fizeram: a trágica experiência de ter que escolher entre o sangue e a impotência entre a violência feita e aquela súbita. Estas páginas valem para todos aqueles os quais se iludem que existe uma moralidade acima da miséria. A luta é escolha, a escolha é angústia, a angústia é a desco-

berta do ponto imperceptível e decisivo sobre o qual se funda a liberdade humana. Os discursos dos existencialistas podem parecer, e, talvez, ser, fórmula, moda, frescura; mas contam para nós o chamado deles à condição presente. (1946, p. 32, tradução nossa e grifos do autor)⁵

Vale lembrar que esse caráter mediador de Franco Fortini se repetiu mais tarde, com Bertolt Brecht, do qual foi tradutor de quatro peças e da poesia completa, dedicando uma longa introdução aos seus poemas.

Editada em Milão, em formato tabloide, a revista havia assomado no cenário político-cultural italiano, em setembro de 1945, por Elio Vittorini. Um escritor e crítico literário de presença inquieta e vital no pós-guerra, quando redator *capo* do jornal *L'Unità*, fundado por Antonio Gramsci, priorizava a literatura dita engajada. Foi nesse contexto, e inspirado pela revista *Les Temps Modernes* – a qual publicou a primeira versão do texto que será analisado aqui –, que

5 Lo scritto che qui pubblichiamo, a documentare la posizione per noi più interessante della tendenza di pensiero che oggiva sotto il nome di esistenzialismo francese, è di Simone de Beauvoir, giovane autrice di saggi filosofici, di romanzi («**Le sang des autres**») e di opere teatrali. Un suo dramma («**Les bouches inutiles**») si imparnia sulla vicenda di una città assediata (l'episodio avvenne durante la Rivoluzione Francese e lo racconta Michelet) dalla quale si dovrebbero cacciare vecchi, donne e bambini pur di prolungare la resistenza. Ma vi prevale il consiglio che, nella lotta, come nella vita dell'umanità, nessuna bocca è inutile; tutti i cittadini tenderanno insieme una sortita, nella quale vincere o perire insieme. È questo, portato in termini filosofici, anche l'argomento del saggio, che, riesaminando il secolare contrasto fra idealismo morale e realismo politico, conclude alla identificazione della morale con l'atto significativo, alla impossibilità di ogni astratto **idealismo** come di ogni astrato **realismo**. Solo nell'assunzione della tragica necessità di contraddire l'infinito valore dell'uomo, la Beauvoir vede la vittoria appunto su quelle necessità.

Rifiutato dagli esistenzialisti moderni il satto qualitativo che al genio religioso di Kierkegaard faceva vedere salvato nella fede quanto qui, nella storia, è «irremediabilmente» perduto, la loro tensione si colloca così ai margini dell'assurdo. Ma in questi neosurrealisti francesi c'è la volontà d'uscire da quella tentazione affermando, negli «altri», nel prossimo, nella socialità, non solo la possibilità dell'inferno, ma anche quella della libertà; e di qui la sollecitazione stoica dell'«impegno».

Concretamente, questo discorso della Beauvoir aderisce ad una esperienza che molti in Francia e qui hanno fatto: la tragica esperienza, tra la violenza fatta o quella subita. Queste pagine valgono per tutti quelli i quali si illudono che esista una moralità al di sopra della miseria. La lotta è scelta, la scelta È angoscia, l'angoscia È la scoperta del punto impercettibile e decisivo sul quale si fonda la libertà umana. I discorsi degli esistenzialisti possono parere, e magari essere, formule, moda, civetteria, ma contano per noi per il loro richiamo alla condizione presente.” In: *Il Politecnico*. Milano: Einaudi, n. 32, jul-ago, 1946, p. 32.

Vittorini fundou a *Il Politecnico*, um marco para toda a cultura italiana, que buscava se recuperar dos anos terríveis da guerra recém experienciada.

Seu slogan era, segundo Ferroni (2005), “Por uma nova cultura, não mais que console o sofrimento, mas uma cultura que proteja do sofrimento, que o combata e o elimine” (p. 157). A revista era financiada pela Editora Einaudi e pelo Partido Comunista Italiano, relação essa que seu editor fazia questão de expor⁶. No texto de abertura, no primeiro número, Vittorini escreve que a velha cultura, herança do pensamento grego, romano, cristão, latino, do cristianismo medieval, do humanismo, da reforma, do iluminismo e do liberalismo, não foi capaz de poupar os meninos que morreram na guerra, dito isso, Vittorini se pergunta se a sociedade contemporânea continuará no mesmo caminho. Seu objetivo era instrumentalizar o processo de construção de uma nova cultura, em defesa de todos. Com números dedicados à China, Argentina, México e EUA e uma linguagem direta, cheia de indagações, a revista se desenvolve a partir de um fundamentado projeto internacionalista, que buscava articular os fatos com as principais tendências e leituras políticas do mundo, manuseando a batalha cultural, empenhando-se em várias frentes da realidade contemporânea. É neste contexto que a revista se abre ao existencialismo francês.

Assim como no cânone literário italiano, a presença das mulheres era diminuta: dos 265 colaboradores que assinaram na *Il Politecnico*, somente oito eram mulheres, além de Beauvoir⁷. Como um gesto mínimo de reconhecimento, optou-se por nomear, aqui, as outras colaboradoras: Dina Bertoni, Franca Helg, Giona, Giovanna Boesggard, Giulia Veronesi, Laura Andretta, Luisa Succi e Natalia Ginzburg.

A participação de Simone Beauvoir no número 32, assim como a recepção dela e de Jean Paul Sartre na Itália, foi mediada pelo crítico e poeta Franco Fortini, responsável pela entrevista e a tradução⁸ para o italiano do texto a ser analisado. A entrevista de Beauvoir é acompanhada à

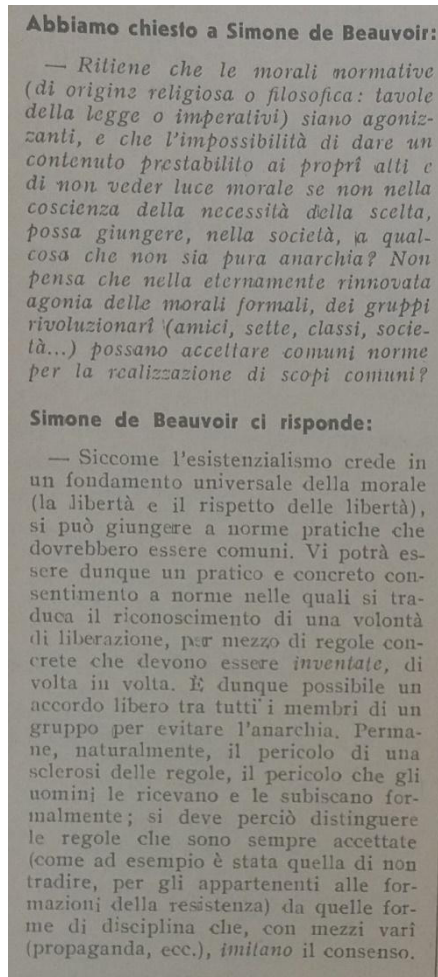
6 Em carta para Giulio Einaudi em julho de 1945, Vittorini escreve: “Bisogna che la Casa Einaudi si faccia conoscere come casa legata al P.C., che *Il Politecnico* sia riconosciuto come settimanale di cultura legato al P.C.”. In: MINOIA, 1977, p. 11.

7 Mais informações ver o índice dos autores que publicaram na revista *Il Politecnico*, no apêndice da dissertação: PINTO, Tatiara. O sono e o sonho na poética de Franco Fortini. Dissertação (Mestrado em Literatura) UFSC, Florianópolis. 2019 f. 2019..

8 Sobre a importância da tradução e sua relação com o ativismo AnaLouise Keating diz: “A tradução facilita o ativismo, permitindo-nos desenvolver e realizar conversas entre várias comunidades, permitindo-nos para construir diversas coalizões, em diversos locais, que podem trabalhar juntos para aumentar a mudança social. A tradução nos permite desenvolver diálogos mais complexos que se baseiam em percepções e perspectivas de outras pessoas” KEATING, Ana L. *A Cross-Disciplinary Roundtable on the Feminist Politics of Translation*. In: Castro, Olga, and Emek Ergun (eds.). *Feminist Translation Studies: Local and Transnational Perspectives*. New York: Routledge, 2017, p. 114. (Tradução nossa).

de Sartre, inclusive ocupam o mesmo espaço, sendo quatro questões destinadas a ele e uma feita a Beauvoir, que pode ser observada na (Figura 1). Sartre já havia sido publicado nos números 4 e 16 da *Il Politecnico*, Beauvoir ainda não.

Figura 1 - Foto da entrevista de Simone de Beauvoir concedida à Franco Fortini.



Fonte: *Il Politecnico*. Milano: Einaudi, n. 32, jul-ago, 1946, p. 32.

Simone de Beauvoir, ao publicar, em 1947, *Por uma moral da ambiguidade* (2005), já assinalava como a filosofia tende a nutrir-se de opostos, ou em uma subjetividade abstratamente livre ou em uma objetividade determinista, fixa, fechada para a ambiguidade e a angústia. E diz que, para encontrar de fato a verdade, as pessoas “não tentem dissipar a ambiguidade de seu ser, mas, ao contrário, aceitar e realizá-la” (p. 18). Sua produção não perde de vista a tensão constante entre a liberdade dos corpos, que só pode ser compreendida diante dos olhos dos outros, em um mundo não construído por estes corpos, portanto, sem escolha de sua facticidade.

Neste contexto de discussões, Beauvoir reúne alguns textos, já publicados separadamente na revista *Les Temps Modernes*, com o título *L'Existentialisme et la Sagesse des nations* pela Editora Gallimard, em 1948, com apresentação de Michel Kail, contendo os artigos: “O existencialismo e a sabedoria das nações”; “Idealismo moral e realismo político” (que já havia sido parcialmente publicado, em italiano, na *Il Politecnico*, em 1946); “Literatura e Metafísica” e “Olho por olho”. A tradução para o português foi realizada pela editora portuguesa Minotauro, em 1965, por Manuel de Lima e Bruno de Ponte. O objetivo aqui é comparar a tradução para o italiano com a tradução para o português europeu. Antes disso, cabe entender o conteúdo do texto em questão.

Resumidamente, em *Idealismo moral e realismo político*, Beauvoir (1965 [1945]) coloca frente a frente o realismo cínico e o moralismo intransigente, enfatizando que tanto a moral quanto a política precisam ter consciência uma da outra e de seus motivos. O problema central da moral é que se submeta a conduta a imperativos universais, diz-se alicerçada em grandes princípios, faz-se de testemunha do passado para rechaçar o novo, quer conservar modelos congelados no tempo e não se misturará às lutas, essas não têm valor para seus olhos. A moral estéril, que se resume em proibir certos meios de ação, é um obstáculo para o político, pois seu papel é modificar a face da terra, superar o estabelecido, é natural que ele tente destruir essa barreira, as pretensões do moralista parecem-lhe injustificadas.

Moral, para a filósofa, é um movimento constituinte, por meio do qual valores e princípios foram postos, e o homem autenticamente moral deve reproduzir por conta própria este movimento. A moral não é negativa, não pede ao homem para permanecer fiel a uma imagem congelada de si mesmo. Ser moral, para Beauvoir, significa buscar fundar o próprio ser, fazer passar a condição de necessidade a nossa existência contingente, mas o ser do homem é um “ser no mundo”; é indissociavelmente ligado a este mundo que habita, sem o qual não pode existir nem se definir. O idealista quer conservar as mãos limpas, a sua consciência em repouso; pretende escapar de todos os defeitos terrestres.

Já o realista cínico, Beauvoir diz, pode perder-se no jogo dos meios e dos fins, quando os homens disfarçam sob a capa do oportunismo a sua aceitação da derrota; por oportunismo viu-se os liberais sustentarem a tirania, os socialistas ligarem-se ao fascismo, os nacionalistas pactuarem com o estrangeiro, os revolucionários defenderem a ordem estabelecida; e isto conduzia à ruína da liberdade, da justiça, da nação, da revolução. O realista com o pretexto de ultrapassar a passo firme acaba por não ir a lado algum. Ao considerar o futuro como um dado, um fim no qual se deve alcançar, pode torná-lo suscetível aos meios. Ao preferir o todo à parte, adota um ponto

de vista material e quantitativo. Se esse fim recua para o horizonte, é o meio que surge como se ele mesmo fosse um fim; mas um fim desprovido de todo sentido e significação. Ela argumenta que fim e meio formam uma totalidade indissolúvel, o fim é definido pelo meio, pelas ações que lhe dão sentido.

Para Beauvoir, ainda no texto em questão, reconciliar moral e política é reconciliar o homem consigo mesmo, é afirmar que, em cada instante, ele pode assumir-se como é. Há que se perder a esperança em refugiar-se na própria pureza, isso exige renunciar à segurança que esperava alcançar na pura subjetividade da moral tradicional ou da objetividade da política realista. Numa moral realista este sonho de pureza é impossível. E conclui que assumir nossa liberdade é fundar o objetivo no qual se transcende, é a única política válida⁹.

3. Comparando as traduções de *Idealismo Moral e Realismo Político* de Simone de Beauvoir

Convém lembrar que a primeira versão do texto foi escrita em francês e publicada na revista *Les Temps Modernes*, em outubro de 1945. Para melhor visualizar a comparação entre a tradução para o português europeu, realizada somente em 1965, com a tradução para o italiano, de 1946, na revista de Elio Vittorini, optou-se por construir uma tabela demonstrativa dos trechos com as diferenças entre as traduções:

9 Sobre a importância filosófica do texto ver na revista *Princípios: Revista de Filosofia* o texto “Entre idealismo moral e realismo político: Beauvoir em busca de uma síntese (im)possível” da professora Thana Mara de Souza da Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/19569>. Acesso em: 30 nov. 2020.

Tradução em português (BEAUVOIR, 1965)	Tradução em italiano da revista <i>Il Politecnico</i> ¹⁰
O texto parte da tragédia grega em que Antígona (fiel ao culto aos mortos) é o protótipo do moralista intransigente, e em Creonte (voltado para o futuro de Tebas) encarna-se a política realista. Conflito entre interesses espirituais e temporais.	Analogia não presente. Início: “Una volta l’uomo era lacerato fra due mondi”
(p. 48 até p. 56) Trecho que parte dos pressupostos de Kant, passando pelo exemplo da França e a tentativa de reconstruir o Santo Império; do utopista Wilson; da França de 1940 que em nome do realismo apoiou a Alemanha.	Não presente
(p. 61-62) Exemplo da França e de como a noção de revolução desagrega-se.	Não presente
(p. 64) Parágrafo sobre Michelet, contando sobre a História da Revolução Francesa.	Não presente
(p. 65) Volta ao exemplo de Carlos V e sua tentativa de ressuscitar o Santo Império.	Não presente
(p. 67) Parágrafo sobre o futuro aparecer como uma eternidade terrestre, que origina mitos como o paraíso reencontrado.	Não presente
(p. 70) “Em cada nova situação tem de se interrogar novamente sobre os seus fins, tem de escolhê-los e justificá-los sem remédio ”	“In ogni situazione nuova bisogna che nuovamente si interroghi sui suoi fini, li scelga e li giustifichi senza aiuti ” (p. 35)
(p. 71) “Sendo todo o acto a superação de uma situação concreta e singular, deveremos cada vez inventar de novo um modo de acção que contenha em si uma justificação”	“Poiché ogni atto è il superamento di una situazione concreta e singolare, ogni volta si dovrà inventare di nuovo un modo di azione che porti in sé la propria giustificazione” (p. 35)
(p. 72-73) Volta ao exemplo da França e as decisões a serem tomadas em junho de 1940. E como a carência da moral clássica resulta em “profundo mal-estar de que sofre a consciência dos homens de hoje.	Não presente
(p. 74) Parágrafo sobre o exemplo de Electra. Tratar o homem como meio é uma violência. Consciência de que é impossível salvar tudo.	Não presente

¹⁰ *Il Politecnico*. Milano: Einaudi, n. 32, jul-ago, 1946, p. 32-35.

Ao ler ambas as traduções, o leitor pode notar que a versão italiana é mais sucinta. As razões pelas quais o texto não foi publicado na íntegra podem incluir: o espaço na revista, que surgiu no cenário cultural como uma revista semanal; nesta altura, já havia sido transformada em mensal e este número, no qual o texto foi publicado, era o primeiro bimestral, que compreendia os números 31 e 32, respectivamente, de julho e de agosto de 1946. Além disso, não ter acesso a quem sintetizou o texto, Fortini ou Beauvoir poderia prejudicar a análise, se o objetivo aqui fosse o de simplesmente aviltar o tradutor, no entanto, destacam-se algumas escolhas de tradução e de síntese.

Conforme a tabela acima, a maioria das supressões, da versão italiana do texto presente na revista, contém exemplos da mitologia como também da história francesa, entre outros parágrafos que se aprofundam na argumentação. Ao ler as duas versões, nota-se que os cortes não afetam a compreensão geral do texto da autora. Destacam-se as diferenças mais significativas entre as traduções como, por exemplo, a diferença entre os vocábulos “aiuti” por “remédio”; “aiuti” pressupõe que haveria a possibilidade de alguém ou algo servir de ajuda, remete à ideia de um auxílio, uma coletividade. No caso de “remédio”, não necessariamente infere-se uma solução que acompanhe outra pessoa, essa poderia ser encontrada sem ajuda de alguém ou algo que venha de fora, nada além do próprio sujeito. Portanto, a opção lexical “senza aiuti”, comparada com “sem remédio”, daria maior ênfase ao processo de autojustificação dos fins que cada sujeito deve realizar por si só. Aqui, a escolha do tradutor italiano resultou mais condizente com a intenção geral do texto. Haveria, neste caso, uma maior transferência cultural do que linguística, como explica Olga Castro, na citação logo a seguir.

Já a diferença entre “si dovrà” por “deveremos”, na opção dos tradutores portugueses ao conjugar na primeira pessoa do plural garante a responsabilização mais coletiva e pessoal “nós”, “deveremos inventar novos modos de ação”; enquanto na versão italiana não, “si dovrà” (se deverá) no impessoal, quer dizer que alguém deverá, não necessariamente um nós, o que destitui o senso de coletividade e responsabilidade pessoal. Essa é uma diferença que traz à tona a questão da abordagem do agente, ou melhor, do duplo agenciamento, da linguagem e do tradutor, como o aparato teórico mostrará.

Olga Castro, em *(Re-) Examining horizons in feminist translation studies: Towards a third wave*, afirma que os estudos feministas da tradução das últimas décadas foram adquirindo *new approaches*, resultando na virada tradutória. Com isso, deixaram de se preocupar somente com o objeto em si da tradução, com as listagens técnicas, para instrumentalizar a transposição de uma língua para a outra. Fruto de um longo debate interno, tais abordagens passaram a buscar uma compreensão sobre o processo tradutório, segundo Castro (2009):

as novas abordagens consideraram “a orientação em direção à transferência cultural em vez de linguística” (SNELL-HORNBY, 1990: 82), levando assim a uma “Virada cultural” na tradução. Essa virada envolveu a incorporação da dimensão cultural “fazer a linguagem funcionar como

um sistema paralelo à cultura em vez de uma entidade referencial externa”. (NOUSS, 2000: 1351, p. 60)¹¹

Outra característica apontada pela autora é o questionamento da figura até então “neutra” do tradutor, e os estudos que distanciaram a tradução do ideal de fidelidade ao original. Castro vai declarar que se pode ser fiel somente à interpretação, ligada aos significados e não à palavra. Considerando a citação da autora pautada em Nouss, a própria linguagem é vista como um sistema cultural em vez de linguístico, um sistema complexo que, dada a sua alta capacidade de intervir no mundo, é considerado uma agência independente de regulação.

Olga Castro (2009), partindo das considerações de Michael Cronin em *Ideology and Translation*, relembra, ainda, os avanços neste campo empreendidos pelas discussões da *Manipulation School* ou *Polysystem Theory* que passaram a defender “a ideologia, ao invés da linguística ou estética, determina crucialmente as escolhas operacionais dos tradutores” (p. 61)¹².

Ainda sobre a questão da agência, a epígrafe da crítica literária indiana Gayatri Spivak (1993), no início do presente texto, propõe considerar o agenciamento do tradutor como um gênero, tamanha a sua importância na transferência dos sentidos de uma cultura para a outra. Ideia essa abordada no prefácio da tradução brasileira de *Pode o subalterno falar?* (2010[1985]), por Sandra Almeida, que diz: “no artigo *The Politics Translation*, citado anteriormente, Spivak afirma que não são os corpos de sentido que são transferidos na tradução, mas a linguagem e seu papel para determinado agente” (p. 16-17). Sandra comenta, ainda, que em *A Companion Postcolonial Studies*, Spivak (2010[1985]) argumenta que seu artigo *Pode o subalterno falar?* questiona principalmente “o agenciamento como uma forma de ação validada institucionalmente. Daí a impossibilidade de se articular um discurso de resistência que esteja fora dos discursos hegemônicos” (p. 15-16). O agenciamento do tradutor, portanto, não pode mais ser visto como a transparente voz da razão, pois suas escolhas são determinadas por princípios ideológicos, por mais que os negue.

Ao considerar o agenciamento próprio da linguagem instituída e o agente tradutor com seus propósitos determinados, a crítica feminista consegue descrever como a agência pode operar, no sentido de legitimar ideias dominantes, patriarcais, autoritárias e fascistas. Ao partir de duas posições antagônicas, o texto de Simone de Beauvoir busca combater a bipolarização da ação política, demonstrando como o moralismo idealista engessa as transformações necessárias na

11 “the new approaches considered “the orientation towards cultural rather than linguistic transfer” (Snell-Hornby 1990: 82), thus leading to a “cultural turn” in translation. This turn involved the incorporation of the cultural dimension “making language work as a parallel system to culture instead of as an external referential entity” (Nouss, 2000: 1351).

12 “ideology rather than linguistics or aesthetics crucially determines the operational choices of translators” (Cronin, 2000: 695).

sociedade. A filósofa francesa parece querer traçar um caminho analítico no qual a moral seja sempre reelaborada, revista em cada contexto, que possa reinventar um modo de ação que contenha em si a sua justificação razoável, assim como a tradução feminista. Na Figura 2 foi reproduzida a fotografia que registra o encontro de Franco Fortini e Ruth Leiser com os franceses.

Figura 2 - Foto do Arquivo Franco Fortini



Fonte: Archivio Franco Fortini. Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Franco Fortini, Ruth Leiser, Milano, 1947. Raccoglitore 1, foto 147.¹³

13 A reprodução dessa fotografia foi devidamente autorizada pelo Centro di Studi Franco Fortini, da Università di Siena, ao qual se agradece, em especial, à pesquisadora Emmanuela Carbè, ao diretor Niccolò Scaffai e ao coordenador Luca Lenzini.

Considerações finais

Franco Fortini, um agente do texto, era entusiasta da filosofia existencialista que ganhava destaque na revista italiana *pari passo* a sua produção na França. O ateísmo do existencialismo não foi um impeditivo para o tradutor, que havia se convertido ao protestantismo durante o exílio na Suíça. Tanto o existencialismo quanto Fortini beberam da mesma fonte: Soren Kierkegaard. Mesmo diante das críticas e polêmicas que o existencialismo sofria, os editores da *Il Politecnico* não se intimidaram em difundir as bases dessa nova filosofia. Ataques que eram de conhecimento dos próprios existencialistas, Beauvoir (1965[1945]) inicia o livro *O existencialismo e a sabedoria das nações*, descrevendo as várias acusações a tal filosofia, de que essa “é uma doutrina que nega a amizade, a fraternidade e todas as formas do amor; encerra o indivíduo numa solidão egoísta; separa-o do mundo real e condena-o a permanecer entrincheirado a sua pura subjetividade” (p. 13).

Na entrevista, encontramos um último comentário de Fortini, que elucida a questão do agenciamento:

No final da nossa entrevista Jean Paul Sartre perguntou-nos por que as perguntas formuladas dizem respeito, principalmente, ao problema religioso. Respondemos – e a razão queremos repeti-la aqui para nossos leitores – que o problema das relações entre fé religiosa e doutrina filosófica e social é particularmente vivo e urgente na Itália, ainda se ficou latente de uma fase da luta política e das soluções do idealismo gentiliano. (*Il Politecnico* n. 32, 1946, p. 35, tradução nossa)¹⁴

Neste comentário, o tradutor italiano explicita seu próprio agenciamento, segundo ele relacionado à luta política italiana, mais precisamente na relação entre fé religiosa e doutrina filosófica e social. A revista *Il Politecnico* tinha propósitos políticos emancipatórios bem definidos, haja vista seu fechamento que se deu mediante a não subordinação ao Partido Comunista que a financiava. Se acrescentar-se a isso, por exemplo, a participação do catolicismo na guerra, como os *partigiani* “bianchi”, grupo de católicos que tiveram um papel importante na luta armada para libertar a Itália do nazifascismo, e o que Fortini chama de idealismo gentiliano –

14 “Al termine della nostra intervista, Jean Paul Sartre ci ha chiesto come mai le domande formulate riguardassero principalmente il problema religioso. Abbiamo risposto – e la ragione vogliamo ripeterla qui ai nostri lettori – che il problema dei rapporti tra fedi religiose e dottrine filosofiche e sociali è particolarmente vivo e urgente in Italia, anche se reso latente da una fase della lotta politica e dalle soluzioni dell’idealismo gentiliano”

chamado por Benito Mussolini de a “*più fascista delle riforme*”¹⁵ – se referindo à Giovanni Gentile, Ministro da Instrução Pública do próprio Mussolini, é possível entender melhor como o idealismo moral e o realismo político estavam imbricados, das mais variadas formas, no palco da realidade italiana. E como se fazia urgente, no processo de redemocratização do país, uma nova filosofia que pudesse abarcar as contradições históricas, e o mais importante, apresentasse uma práxis capaz de combater o apelo moral típico do fascismo. Neste anseio, o texto de Simone de Beauvoir foi recebido no cenário cultural da revista *Il Politecnico*, que almejava uma nova cultura, capaz de combater e eliminar o sofrimento.

Referências

- BEAUVOIR, S. Idealismo moral e realismo político. In: *O existencialismo e sabedoria das nações*. Lisboa: Minotauro, 1965 [1945].
- _____. Idealismo morale e realismo politico. In: *Il Politecnico*. Milano: Einaudi, n. 32, jul-ago, 1946 [1945], p. 32-35.
- _____. *Por uma moral da ambiguidade*, seguido de *Pirro e Cineias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- CASTRO, O. (Re-)Examining Horizons in Feminist Translation Studies: Towards a Third Wave? *MonTI* 1, 2009, p. 59-86.
- DUNKER, C. Mal-estar, sofrimento e sintoma: releitura da diagnóstica lacanianiana a partir do perspectivismo animista. In: *Tempo social: revista de sociologia da USP*, v. 23 nº1, 2011.
- FERRONI, G. *Storia e testi della letteratura italiana. Ricostruzione e sviluppo nel dopoguerra. (1945-1968)*. v. 10, Milano: Mondadori, 2005.
- FORTINI, F. Introdução e comentário em “Idealismo morale e realismo politico”. In: *Il Politecnico*. Milano: Einaudi, n. 32, jul-ago, 1946, p. 32-35.
- HOLANDA, H. B. *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- GODAYOL, P. *Frontera Spaces: Translating as/like a Woman*. In: SANTAEMILIA, Jose (ed.). *Gender, Sex, and Translation: The Manipulation of Identities*. New York: Routledge, 2015.

15 Escreveu Mussolini em uma circular aos reitores universitários. Mais informações: SUSMEL, Edoardo e Duilio (org.) *Opera omnia di Benito Mussolini, XX, Dal viaggio negli Abruzzi al delitto Matteotti. 23 agosto 1923-13 giugno 1924*. Firenze: La fenice, 1956, p. 366.

MINOIA, C. (Org). *Elio Vittorini – Gli anni del “Politecnico” lettere 1945-1951*. Torino: Einaudi, 1977.

SPIVAK, G. Tradução como cultura. In: *Ilha do desterro*, n. 48, p. 41-64, 2005 [1999]. Trad. Eliana Ávila e Liane Schneider. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/9833>. Acesso em: 18 jan. 2021.

_____. The Politics of Translation. In: *Outside in the teaching machine*. New York: Routledge, 1993.

_____. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010 [1985].

Recebido em: 04/04/2022 (Versão atualizada em: 29/09/2023)

Aprovado em: 29/09/2023